

INVISÍVEL PARA MIM MESMO, ANTES DO PRESENTE

ÀS VEZES SABE BEM FALAR DO QUE NÃO SE SABE E NÃO SE CONHECE
A PARECER TÃO ACERTADO.

MAURICIO MARTINS

Isto é uma anterospectiva.

o que nós somos é a soma de todas as ideias que nos possuem

Quando da mente de um indivíduo nasce uma ideia, ela cedo foge à tirania dos seus criadores. Frequentemente manifesta-se, espalha-se e transforma-se sem pedir licença. As ideias infectam-nos, muitas vezes sem o pedirmos ou esperarmos. Possuem-nos com o seu desejo de expansão e replicação incontroláveis. O que nós somos é a soma de todas as ideias que nos detêm. Uma gerada por nós, outras apenas recriadas a partir da arte de outras pessoas. Todas nos transformam, todas nos fazem crescer. Mas apenas se as expusermos e nos expusermos, poderemos progressivamente abandonar aquelas que nos destroem.

Parte 1

Lisboa

nada é fácil...

No dia de natal, no silêncio adormecido dos cantos mais improváveis de um estabelecimento de saúde, eis que um estranho ser labuta intermitentemente. Em cima de um armário um pacote de *Mon Cherries*, contendo cinco unidades. «De quem será?», pensou. Olhando para a folha da limpeza, apenas Deolinda assinalara a sua presença nestes dias. O seu nome gravado na parede, ora com um 'e' ora com um 'i', constituía um facto que sempre o intrigara. Surgiu nele uma vontade de sentir o licor a arder pela garganta. Não pelo chocolate, figura omnipresente por esta altura, mas pelo licor, oculto sob a forma de um doce numa prata brilhante e infantil. «Alguém aqui o deixou», deteve-se, «e decerto não para mim a menos que por intermédio de uma improvável conspiração cósmica». O ser labutante gostava da ideia de conspirações cósmicas, sobretudo gostava de *Mon Cherries*. Mas com Deolinda no pensamento deixou o pacote intacto, reproduzindo na sua imaginação a satisfação que é encontrar por fim algo que há muito se julgara perdido.

que ampare o eminente embate do meu corpo nos desfiladeiros

O João entrou no quarto e perguntou à Maria se ela tinha visto o pequeno rato que por ali passara. Ela respondeu-lhe que o seu coração era de tal forma volumoso e denso que decerto ele teria dado a volta por fora do mediastino. Este peito, pensou ela, é a única forma de antes de mim não haver ninguém (que ampare o eminente embate do meu corpo nos desfiladeiros).

o tecido do silêncio humano

Acho o silêncio hediondo. A ansiedade basal por detrás da emergência. Na verdade não é o silêncio que é hediondo mas as recordações, ou nem sequer as recordações mas a sua ausência.

Demoro trinta minutos a escolher a caneta com que iniciarei a descrição do meu silêncio. Mas passados os trinta minutos não é sobre o silêncio que falo nem sobre o que ele esconde. São apenas os trinta minutos (tic tac) que falhei no objectivo de alcançar a esperança de um tecto.

De que falamos? Ah sim, desse fardo hediondo, sempre presente por debaixo de tudo o que se apaga. Acho que finalmente percebo, recuso-me a ter duas vidas, recuso o código que me incita à vida eterna e no entanto por ele recuso... (aquilo que está por debaixo de tudo que se apaga).

São três as camadas de ocultação que se desenrolam ao longo dos trinta minutos em que escolho a caneta. Sou eu que diligente no trabalho estou só, mas apenas à escala de todas as vidas que me possuem, uma após outra ou em simultâneo, ocultas no tecido do silêncio humano. Tudo se deslumbra na consciência que não conhece o passado ou o futuro: Apenas a narrativa tardia de todo o tempo em simultâneo.

Não faço sentido, eu explico: Persigo os segredos do mundo para fugir à evidência de que preciso de iludir os meus sentidos. Acabo no entanto por iludi-los de outra forma. E o silêncio retorna, impiedoso, para me lembrar que existe e que existo, por debaixo de todas as formas.

Um dia vou-me apagar, e comigo o desejo de acender para sempre, aquilo que um dia se acendeu em mim.

Entrei no quarto e puxei a cortina. Estava uma pessoa deitada. Era um adolescente.

A minha sanidade mental não está em jogo. Era mais fácil, rápido e eficaz perder a vida às mãos do destino, do que perder a sanidade mental.

A minha vontade tem a força que a minha psique não tem. O meu corpo desmoronase, acelera, estilhaça-se, cede, as náuseas, as tonturas, o nojo, o nojo, o nojo. O nojo de ser afastado do que amo. O nojo de ser sem um significado para todos os momentos. Mas vou na mesma, entre avanços e recuos, fugas para a toca sombria, recolhimentos para a humidade primordial, volto, volto sempre, volto enquanto tiver que voltar, apesar da náusea e do nojo, apesar da transitória morte metafísica que cada dia mais sinto como corpórea. Estilhaços de mim. Hei-de ter tempo de os recuperar. Por agora avanços e recuos, conto a mim mesmo a história de que a vida não termina aqui.

orphélia

Acordámos na penumbra, arrastámo-nos pelo nevoeiro. Para onde quer seguissemos, seja qual fosse o caminho que percorrêssemos, os limites eram difusos. Que assombro este não conseguir distinguir a realidade da esperança, o presente do futuro, o dormir desperto e o sonhar acordado. A criação, os tons e o conforto. A mistura entre a vida real e a vida verdadeira. Desejo nunca me decidir. E com as vibrações das nossas cordas, dos nossos corpos, com calor do nosso sopro, esperamos manter vivo o movimento ondulante que abre as brechas da realidade. Para que todos nunca se cansem de sonhar. O sonho do movimento eterno na ausência de espectadores puros.

Heisenberg

Ondas celestes
que aspiram à existência
num mundo pejado
de incerteza.
Não consigo criar
quando tento
Por causa das brechas
de matéria escura
Que compõem
a natureza humana

guerra fria

Tento erguer-me. Devagar, aperto a cara contra um colchão inofensivo. Já afastei os lençóis, não é contra eles que me debato. Perturba-me este calor intenso: envolto no meu próprio suor chama-me a atenção um cheiro sufocante. Andarão a cozinhar um rito, um corpo? Surpreende-me o tempo que demoro a adquirir a vontade de saber o que se passa. Liberto-me dos pântanos de suor (milhares de mãos) e respirando pela boca aproximo-me da janela.

Fumo por todo o lado, sinto o sabor da madeira queimada, os prédios não aprofundam a sua rectilinearidade, esvanecem-se, as minhas mãos não os alcançam... Onde estão...vocês...os prédios...os meus olhos...

Oiço as janelas a fecharem-se por todo o lado. Deixarei as minhas abertas, quando me entregar quero sentir nas narinas o cheiro da desolação. Só assim, da minha prisão individual, este braço que tudo tende a alcançar, me porá face ao conflito latente, à mentira de que temos de ser justos para defender os justos (felizes para defender a felicidade). Uma grande nuvem de fumo pesa sobre todo o mundo, das bombas que não rebentam, das espingardas que não disparam.

Consigo sentir a madeira queimada, mas não me sinto capaz de sair deste lodo. Mas quem arde afinal?! Imagino-lhes os gritos. Ardem por dentro, sem que ninguém os veja, por nunca terem tido a chance de arder de facto. Ah, mas vejo-lhes o fumo...sufoca-me.

Não sou capaz de sair
deste lodo

Revolvo-me em torno de um ralo que constantemente entope, apesar de tudo em paz. Não me libertarei é certo, mas há-de um mundo ver-se livre da sua própria humanidade. Hão-de os foguetões largar para onde a obsolência do sistema dopaminérgico não nos mantenha em eterna masturbação; Para onde a compaixão nos mova tanto como prazer; Para onde o medo de perdermos e de nos perdermos não nos paralise agarrados a uma guerra fria;

Estou farto!

Para mudar é preciso largar!

a pós-humanidade está em marcha

fantasmas de japur

(Não vale a pena fingir que as coisas voltarão a ser as mesmas, sinto na minha pele, nos meus músculos e nos meus ossos como que a antecipação de uma colisão. Mais do que a esperança é a inaceitação do absurdo que me move. Já nada disto me interessa, não é para este mundo que desejo viver. As roupas desfazem-se em mim como se fosse a consequência lógica da sua natureza).

Adeus fantasmas

(O aspersor embala-me ao som de pingos revelando uma cortina que decido atravessar)

o padrão da vitória

O roteiro de uma tragédia
desenhado no reverso de uma folha.
A planta da vida.
Batimentos extraordinários
de uma Pulsação descompansada.

Uma erupção silenciosa.
Em toda a volta,
o semear das expectativas
e a colheita das almas.
É o padrão da vitória.

O céu abre-se.
oscila em todas as frequências.
No meu ângulo de observação,
cento e oitenta graus e sou invisível.
Mais uma fibrilhação, uma reentrância
antes do presente
antes do presente
antes do presente
cento e oitenta graus e sou invisível
[para mim mesmo]
antes do presente

oligofrénico
o que eu,
brisa do oceano
paz de alma
e ermo do povo
almejo de mim mesmo.
Onírico,
quando a cabeça tomba
não se pensa
na palavra
'pensar'.
Vêm os sóis
e as luas,
crescem
os dentes
e tomba.
Por onde começo
a rasgar,
a origem
da minha bolha?

controlo

Devagar,
o controlo foge
e volta,
cobarde de fugir
de uma só vez

Pingos soltos
da torneira ao tecto
em remoinho
Pelo vácuo
da minha ausência

Não atires
a primeira
pedra

a emoção
é sempre clara,
no futuro

Antes de me arder
nas mãos do destino
hei-de ser o fogo
e o artifício,
que ao de leve
muito ao de leve
te acaricia
uma maçã no rosto.

autocarro

E de repente uma náusea. Mais uma palavra-chavão, um local comum entre a poesia das poesias. daquelas poucas que li no princípio de tudo. Bastou-me a escola. Bastou-me para ser insuficiente. A complexidade desertificou-me. A abundância do conhecimento quis impor-se, mas venceu o nada. A desistência. O brado incolor da fixação do ser.

creio

Sou um filho sem deus
E na madrugada fria e escura
aqueço-me no meu próprio pensamento,
na minha cognição.

Sou um filho sem deus
mas ainda almejo pelo bem
aquele que não existe
subjectivo e absoluto
parcial e verdadeiro.

Não creio em mim
nem na natureza humana
Tão pouco creio nos astros e no infinito
Acredito na procura, na partilha
na co-existência
e na evolução.

Este sou eu,
um filho sem deus.

disse-me então:

"Esse terceiro ouvido que ostentais no peito, falta-lhe a simetria das coisas belas."

comporta

A violência toma muitas formas
Puxam-me por um braço
empurram-me pelas costas
Não, desta vez a voz dos
braços está em Silêncio
Desta vez a corda de
palavras, prende-se-me ao pescoço
E puxa

Abro as noites da garganta,
o oxigénio foge-me num sibilo
Perco o sentido e
o mundo atinge-me
como se dentro do fluído amniótico.
Ele, não eu.
Eu cá fora, ao frio
Foge-me o Ar
Foge-me pelo cordão postigo
que trago à volta do pescoço

E Puxa

a mesa

Falta um copo a esta mesa.
Ou talvez um tempero.
Desde que me consigo lembrar
o prato tem estado sempre vazio
mas tu sentes e eu Sinto
o sabor a sal
que nos envolve a língua,
um sabor
que continuamos a trazer à boca
em mãos cheias
de uma invisibilidade transbordante.

Não sei de quando esta sensação
se do passado ou do futuro...
Uma Densidade misteriosa
faz com que o tempo se misture
e desapareça diante de nós.

Quantas vezes foi arrancada
a folha dos meses e dos anos?
Estamos tão longe de casa
e não encontrámos ainda forma
de nos levantarmos desta mesa.

Se uma bela maré nos leva à deriva,
o prazer de provar
caminha em marcha cega.

E embora a ansiedade
seja espaço para preencher
com o prato incerto do dia seguinte,
a incompletude perdurará
até muito depois de estarmos saciados.

possível

A poesia mata-me
A poesia destrói-me
Quando me lanço no ar
e me apanho
Sem freio,
deslizando por entre
os Sonhos dos gigantes
entre o desejo e o abismo
entre o êxtase da morte

Concedo-me, esqueço-me
Para nunca mais voltar
e cruzo os céus com ruidosas criaturas
Não assim tão diferentes
Mas tal como eu e tu
Separadas pelos Hemisférios!

E quem habita nos Desertos
que esquecemos e naqueles que
Deixámos para trás?
Perdoa-me, vou sem freio
O meu mundo é plano
e não há retorno

a loja

Não sei se é batalha ou fuga
projecto-me para as obras e realizações
a ver se os outros me admiram
e desamparam a loja.

A transparência das minhas entranhas
é o disfarce perfeito,
de significado inatingível,
pois deixa-os entretidos com uma forma
de intensidade transversal,
e no entanto estéril.

A verdade
é a maior das manobras de diversão.

Sinto que quando me vejo
me vejo em fuga
e exactamente o mesmo de sempre
sinto que nada do que faço me interessa realmente.
Se ao menos o mundo pudesse olhar para mim e não me julgar
não precisaria de qualquer obra
porque a única obra que interessa
somos nós mesmos
e infelizmente
parece ser a única obra
que não conseguimos mudar
ou construir
às vezes apetecia-me que me deixassem sozinho com as minhas coisas
mas tenho uma responsabilidade com o mundo lá fora
porque não me desampara a loja.

fica

toca-me

não fales

toca-me

para que eu possa

aqui e ali

sentir

de quando em vez

que ainda sou humano.

Não fales,

desfruta

toca

e não esperes pela luz

agora, toca-me

fica comigo

mantém-te inteira (resiste)

Não te deixes entregar (ao sono)

FICA!

(será que eu ainda sou humano?)

Não há mudança mais forte

do que aquela,

Em que conseguimos mudar juntos

Será que ainda somos NÓS,

humanos?

deus

...e então deus entediou-se por estar sozinho e decidiu criar seres à sua imagem e semelhança. Assim deu origem a todo o processo que viria a culminar em outros como ele. Ao longo deste processo muitas formas intermédias foram existindo, perecendo, evoluindo...São pinceladas fora da tela, esboços prontos para serem pintados por cima, despojos de um acto de criação incompleto. E esses despojos somos nós...

uma e meia da manhã, comboio do Rossio

Regresso a casa.

É-me particularmente desolador o facto de regressar sozinho, dia após dia... Há já muito, muito tempo (Andreia onde estás tu Andreia, Sílvia) que as pessoas não me fazem sentir vivo. Há muito tempo que não me esqueço de mim e não me rasgo para acolher uma flor, um beijo ou um morto despedaçado.

Sinto falta das folhas distantes da mesma árvore, sinto falta da alegria do reencontro, sinto falta dos fantasmas do passado que habitaram em mim e se evaporam deixando livres espaços que agora se vão preenchendo de lágrimas... Alguém lá fora deve estar a sentir-se como eu, uma lágrima no vidro, duas lágrimas no vidro.

(adoro este som)

A puta da chuva que nos molha o focinho

Faz-nos ao menos sentir

O silêncio para além da existência.

Um só pingão fará a diferença entre viver e ficar por lá.

Um só pingão que no meio da merda nos faz sempre felizes,
no momento fugaz e na memória inconsciente.

E o pingão em todos!

Fresco, mais tarde que cedo,

Não nos deixa morrer nem à sede nem sozinhos.

teias, são teias

Quando o hedonismo do conhecimento não é auto-suficiente, inventamos para nós pequenas obsessões/tradições para nos mantermos a funcionar numa máquina autónoma. Hoje as engrenagens secam-me os lábios (sabem-me a amendoins). É espantoso como falhamos em notar, apesar da nossa aparente atitude contestatária, que o conservadorismo político e social é apenas uma amplificação, ou melhor, uma soma, dos auto-conservadorismos.

Nicole

Percorro com as pontas dos meus dedos as curvas do seu corpo.

Uma pele clara ligeiramente ruborizada;

Como será o seu cheiro? Acedo a um pescoço rendido

em busca do seu cheiro, o cheiro que traduz

a suavidade pálida e ofuscante!

Onde estão os seus lábios, onde posso unir o

meu mundo ao seu? Colá-los com saliva, numa

Dança frenética de espíritos desassossegados!

De seres sem corpo, de fogo, de desespero,

De loucura, de humanidade presa e libertada,

Rodeiam-nos rostos inexpressivos, vazios, trémulos,

Gritam silenciosamente – para além deles existe

o vazio – a escuridão de trovões e rochedos, sibilando,

gemendo, perscrutando a distância

entre o nós daqui e o nós de lá!

Nada mais interessa, nada mais importa:

A intocabilidade da existência resume-se

Ao momento!

Estou cá e quero estar cá,

Mas tudo não passa de um sonho...

Que gira, gira, gira,

habita, irreal, fingido,

Cansado, novo e genuíno,

cala-se, grita, consome,

repõe, tira, dá.

E gira, gira, volta a girar,
cumprimenta e agradece,
retira o chapéu,
e jaz, sem fôlego.

Na verticalidade da distância,
na distância vertical: Quero-te!
Quando suspender a respiração e nada mais puder agarrar,
quero-te ter junto de mim...

os fantasmas de japur II

A rua tem um cheiro pálido
Como uma infância perdida
Em busca de respostas que não surgiram.
Tão ao longe e não o vejo
Pitoresco, o que me deixou só...
Desapareceu no escuro,
esvanece-se entre pensamentos...
E o despertar é um sono doloroso.

Vejo-me nu, por entre fios;
Verto em nuvem, desfaço:
A esfera chora

equilíbrios de Nash e sistemas sociais

Entretém-te com a vida

Eu entretenho-a a ela

Foge, fuge

Dos teus fantasmas

Ensina enquanto entreténs

E se te esqueceres de ensinar não faz mal

No fim a mesma treva

Atingir-nos-á a todos

endorfinas

Quando estou desprovido de alienações e a dor da incongruência da realidade me deixa ver tal como sou - um antropóide ridículo – parece que recebo como uma dádiva o ar que respiro despoletando uma sensação de poder confortável e indomável. Suspeito que é uma sensação induzida pelas endorfinas como mecanismo de feedback à melancolia.

não há refugio para a crueza das imagens

Só da solidão cultural surge a necessidade visceral de concretizar a tentativa não reconhecida para provar a sanidade. Às vezes basta o reconhecimento de um fundo semelhante em alguém para nos acomodarmos na sombra e preferir o prazer de comunicar a diferença ao invés de a operar de facto.

o homem é um ser localizado no espaço, no tempo e na sociedade

Um facto curioso é que tendemos a condenar as alienações recorrentes dos outros quando não são semelhantes às nossas. Abraçamos a nossa alienação por aquilo que ela nos faz sentir, mas rejeitamos a dos outros, por não lhe encontrar validade lógica. Em suma esta disparidade de critérios justifica-se face a uma marcação emocional, na maior parte dos casos inconsciente e involuntária, que depende das circunstâncias.

começa

Acho que nunca me soube entreter.

Não sou daquelas pessoas
que se mantêm em movimento,
pelo pavor das estátuas
inertes como cadáveres.

As estátuas não me assustam,
todo eu sou uma estátua,
uma terceira pessoa,
um futuro por concretizar.
Eu já fiz tudo.

Na minha insónia levanto-me,
eu e a terceira pessoa.
Sentamo-nos os dois,
de frente para a parede vazia,
e exalamos uma súplica para a vida:

“Começa”

Sob a forma de um sopro,
pelo meu peito,
em movimento contínuo.

“Começa”

De mim e não de mim,
uma prece,
entre o presente e o futuro.

“Começa”

Para além das arestas.

O meu esgar

em tons de mármore.

“Começa”

Nesta parede vazia,

em lágrimas,

Eu já fiz tudo.

Parte 2

Viena

Isto não é uma nota introdutória.

Início mais uma viagem, sem nunca sair da mesma narrativa, auto-reflexiva, egoísta,
tão longe da virtude que tardo em cultivar.

26 Maio 2010

Escrever obriga-nos a um output desnecessário. Ter de dizer algo ao outro. Ter de dizer algo aos outros. Ter de dizer algo sem que te tenham perguntado. Eu tenho, tu tens, ele tem que dizer alguma coisa se te perguntarem. Entretenimento. É simpático. Sê simpático. O silêncio não agrega. Isola. E tu precisas de pessoas. Eu preciso, tu precisas, ele precisa. Ironia. Um ser social sem nada para dizer. Estas frágeis linhas não escamoteiam o contrario do inverso.

Não me interpretem mal, estou feliz. Não estou zangado nem farto. Às vezes a explicação simples é a verdadeira. Tenho demasiado tempo livre em mãos e uma necessidade de comunicar, apesar de uma tremenda falta de jeito.

31 de Agosto 2010

Por vezes o segredo é mesmo aceitar o silêncio. Aceitar o estar-se sozinho. Abraçá-lo. Não existe auto-monitorização debaixo de fogo. O ruído da humanidade está em guerra com o indivíduo. Vou agora tentar construir frases mais longas, deixar que as palavras fluam sem direcção predefinida. Sinto falta de descobrir coisas novas sobre mim. Sinto falta dos horizontes do buraco negro. O ruído invade os recantos mais inóspitos. A radiação humana espalha-se, harmonizando o universo na desordem.

31 de Agosto 2010

Inúmeros factores distorcem a percepção das coisas: O pulso, o sono, o cortisol...

Algumas acções têm como consequência o acalmar do espírito quando este está inquieto. Providenciam uma sensação de bem estar, de melhoramento das condições ambientais, sem qualquer alteração tangível no curso das coisas.

A dopamina é inimiga da virtude. O homem virtuoso vê-se a si mesmo e ao seu mundo sem atenuantes e actua sempre em conformidade. O homem virtuoso vive sem culpa, regula a sua homeoestasia externamente e não internamente.

Para os que, como eu, vêm o mundo passar diante dos olhos como um filme, a virtude é apenas uma miragem. A gelatina com que as minhas mãos apertam é o prenuncio de uma moleza relativista que um dia tudo justificará.

31 de Agosto 2010

As virtudes da emoção são vistas com parcialidade. Não me peçam para ser pouco denso. Se a perda do controlo e do poder de análise são vistas ocasionalmente como benéficas, então que se acautelem os desejos conflitantes. As virtudes da virtude perdem-se na avalanche das comportas perdidas, mas a racionalização das racionalizações pode levar à sabedoria, ao conhecimento das causas e dos efeitos.

Sábio é não contrariar a corrente mas ajustar o leme. Aos poucos o rumo vai-se desenhando, retrospectivamente, e o eu cristaliza, segundo a segundo, até o desenho ficar completo.

15 de Setembro 2010

Demorei anos para entender o significado da expressão. Só agora percebi o porquê da solidão ser essencial para o amor.

A solidão é o fechar do círculo sobre si mesmo, aprender a viver, a sentir, a tocar, a cheirar...sozinho, sem incompletude, e mesmo assim entregar-se ao outro. Não por não haver opção mas por pura vontade.

A vontade só é pura quando nada há a perder. A vontade só é pura quando não importa o desfecho. A vontade só é pura quando reconhecemos que por debaixo do Sol tudo é um sonho.

24 de Setembro 2010

Nunca me senti verdadeiramente confortável na ausência de melancolia. Talvez não no sentido de conforto que às sensações provenientes do próprio corpo se atribuem, mas no sentido de pertença do corpo ao espírito, e do espírito às circunstâncias.

Quando escrevo e penso em português sinto-me mais próximo, mais profundo, mais ligado. Antigamente pensava que esta melancolia servia um propósito, o de me manter à procura, em constante insatisfação. Hoje sei que procuramos ver um propósito em tudo aquilo que não conseguimos mudar. Voltamos sempre ao que estamos habituados, como estafetas do nosso passado, passando o testemunho vezes sem conta à volta de uma só pista.

O curioso, e em certa medida belo, é que no processo de lidarmos com as nossas limitações, acabamos por lhes descobrir uma utilidade evolutiva, ontogenética, filogenética, individual e social, que sendo ilusória, força as fronteiras da criatividade.

Sim, a tarefa activa de nos justificarmos gerou todas as obras de arte que alguma vez existiram. Como é possível não adorar a humanidade?

11 de Outubro 2010

Conto os dias, que te sinto a fugir. Adoro-te, mas estou preso pelas mãos e pelos pulsos. Pelo pescoço. Estou preso. A minha busca é incorpórea. Quanto mais perto do fim, mais intenso o teu rosto na minha memória. As tuas lágrimas, o teu soninho. Tudo o que faz de ti uma criatura e não uma pessoa.

Quem me dera trazer-te comigo para este mundo das ideias. Não é de mais ninguém que preciso. Mas agora acabou-se.

(Este texto resulta da falta de necessidade de escrever. A verdade é que a ordem volta aos poucos. Aquela onde sou comigo mesmo em comunhão com o universo).

11 de Outubro 2010

Excepcionalmente, volto ao papel. Voltei a escrever sobre o amor. Hoje dancei uma valsa com um par iterativo, rígido, mas com graus de profundidade que se estendem para o infinito.

Dizem que sou obcecado com a recursividade. O que eles não sabem é que o voo raso sobre as dimensões escondidas me atormenta e fascina desde criança.

Dancei a valsa. O meu pulso correu para fora de mim. A minha mente girou até à tortura. Fugi até lançar as âncoras. Depois, num momento de rigidez, dançámos os dois. Parados aos olhos dos comuns, fizemos do tempo uma condição irrelevante.

Cálculo lambda, és apenas um amor passageiro e no entanto personificas tudo o que eu sempre soube que era.

25 de Outubro 2010

Não tenho controlo sobre o início dos dias. As minhas forças são as minhas fraquezas. O entusiasmo que ponho em tudo o que faço torna-me cego para tudo o que não faço. A turbulência da emoção construtiva sofre desvios e dispersões difíceis de controlar. A questão chave é portanto como controlar os limites do fluxo sem perder o ímpeto, e como concentrar a intensidade da luz sem queimar a retina.

Quem quero eu enganar com as minhas palavras? O irrealismo do planeamento que progressivamente perde o pé, culpa as circunstâncias esperando por dias melhores. Não são as circunstâncias, sou eu mesmo.

A emoção não é construtiva, é apenas emoção. Cabe-me encontrar vida para além dela (os limites para além do vácuo).

Nunca nenhuma mudança ocorreu sem esforço. Seja voluntário ou induzido. Podemos mudar sem tomar o primeiro passo, mas apenas quando a catástrofe exterior se instala. Quando as condições se tornam insuportáveis ao ponto de não haver saída senão mudar. Se calhar, é por isso que muitos homens desejam a desgraça, o apocalipse. Sentindo-se subaproveitados na realidade, sonham com o cumprir-se de todas as suas potencialidades quando tudo o que o homem alguma vez construiu se desmoronar. Se nada construirmos para além de nós, a mudança não dói. As sombras jamais se desorientam.

21 de Novembro 2010

O tempo livre é um conceito estranho, um sentimento estranho. Confesso que ainda não consegui descodificar os estados fisiológicos associados ao tempo livre. Tudo parece depender do contexto em que o tempo decorre. Tempo livre nem sempre é espaço livre. Espaço livre nem sempre é sinónimo de consciência fluida.

Tudo nos pode aprisionar se o deixarmos. A menos que ocorra um explícito bloqueio, tendemos automaticamente a procurar as situações familiares, estímulos familiares, estados de consciência familiares, onde a nossa capacidade de previsão nos devolve a sensação de competência. Será por isso que tendo a escrever mais entre viagens. Nada aqui me é familiar. Nada me dirige automaticamente excepto a lenta marcha pelos postos de controlo que me deixa à espera, a pairar, com tempo e espaço livre, de consciência tão fluida que os seus conteúdos se tornam impossíveis de agarrar.

22 de Novembro 2010

Disseram-me para lá estar ao meio dia. Como é obvio atrasei-me. Tinha coisas mais importantes para fazer, como saborear o meu *caffè latte* e escrever no meu caderno, simulando para o exterior uma personalidade viva e irrequieta.

Nada disso, apenas estou atrasado na sequência de diversas más decisões.

22 de Novembro 2010

Nem acredito que já censurei textos na arrogância cega das certezas. Do objectivo comum, final, da busca por um sentido, da resolução dos conflitos e sofrimento da humanidade.

Todos os objectivos são válidos. A história precisa de todos. Não está nas nossas mãos ter uma importância decisiva no curso das coisas. Apenas pôr todo o nosso amor naquilo que acreditamos. O resto cabe ao tempo. O resto cabe á história.

30 de Novembro 2010

A caneta com que escrevo tem uma ponta húmida, desinibida. Contínente, mas por pouco. Consigo observar as gotas, bem dispostas, sobrando pelos vales em ascensão. Hoje a impressão estende-se para além do designado, espalhando-se em traços cacofónicos. Culpo a caneta, culpo o meio de transporte, os atrasos, as filas, os outros (sempre os outros). Até a mim me culpo, e desculpo. O caos dos conceitos que não se combinam. Pairam. A minha cognição é como um oceano, cabe tudo no seu interior, embora de forma diluída.

Sou proto-linguístico. Um primitivo á espera do momento mágico da transição metamórfica, aquela que mudará para sempre o nicho e a epigénese das minhas emoções.

20 de Dezembro 2010

Está na altura de encher de novo esta página de banalidades. Não apenas esta mas outras tantas como ela. Apercebi-me que não existe nada de glorioso na medianidade e que a glória não vem sem sacrifício. Todavia, não existe nada de proveitoso no sacrifício pelo sacrifício. O sacrifício não nos faz pessoas melhores se for vazio. Quanto muito torna-nos maleáveis, resignados e conformistas.

Não sei porque faço isto a mim mesmo. Se um dia a felicidade me bater á porta ou não a reconhecerei ou arrancar-me-á o coração, tornando-me num ser infantilizado, sem rumo, sem conexão com o mundo (e no entanto inteiro com o universo).

21 de Dezembro 2010

Somos a geração sem nada para escrever. Reduzidos aos recursos estilísticos, somos parte de um movimento cujos ideais são primordialmente estéticos. Sinto-nos próximos do neoclassicismo, em busca de formas absolutas, da beleza intrínseca de formulas infalíveis, aquelas nos fazem sentir e aos outros, os previsíveis fluxos da neuroquímica da alma.

Os ideais deixamo-los para depois. Os objectivos inatingíveis e os inimigos invisíveis. A perturbação que eles nos provocam comunicamo-la como facto identitário. Comunicamos um compromisso que não tencionamos manter, protestando mas não agindo. Não importa. Desde que fechemos, para nós e para os outros, o circulo daquilo a que pertencemos.

21 de Dezembro 2010

O segredo está em continuar.

Mesmo que o entusiasmo se esvaneça, continuar.

Construir castelos, pontes e referências,
Para que um dia se possam aninhar nelas.

Um dia a vida voltará:

pujante, fresca e melancólica,
ao sabor de canções emergirá,
a emoção em dispersão caótica.

Mesmo que o esqueça: Eu existo.

Mesmo que procure esquece-lo, sou Eu,
Este reflexo de oxigénio em movimento,
abstracto, sem corpo, em cada momento.

Foi tanto o tempo perdido.

O tempo da prisão contundente
De girar ciente da vertigem,
em pânico da espiral ascendente.

Procuro o conforto nas linhas rectas.

No percorrer do espaço em largas tangentes,
Sentindo nas mãos em direcção contrária,
A leve frescura das searas quentes.

Nascem poemas na ponta dos meus dedos.
A viagem fez de mim um híbrido, um lugar
onde os outros nascem, de dentro para fora,
reciclando as sementes, até nada mais restar.

o fim

O núcleo minimalista
da capacidade combinatorial,
é o que resta de um homem
depois de perder os interfaces.
Consigno, com a voz, com o mundo.
Com as coisas tangíveis, prisioneiro do profundo.

Existir aquando das necessidades expressivas.
No restante tempo, girar sobre si mesmo, ser minimal.
Serializando emoções desconectadas, discretas,
até a mistura se tornar real.

Real, concreta e significante.
Até a emoção se tornar sentimento.
Até a ordem fixar aquilo,
que o homem um dia chamará de presente.

Sou o núcleo de mim mesmo e de todas as coisas.
O conjunto de tudo o que já existiu e o potencial do que existirá.

Sou a cobra em chamas, aquele que se auto-devora,
em movimento perpétuo, circular,
jamais se fixando numa hora ou realidade,
jamais pertencendo a qualquer lugar.

Parte 3
um limbo

uma viagem para o centro dos limites

Um dia, em mais uma inútil divagação, perguntei-me «E se o mundo fosse uma eterna viagem?» . Foi então que pela primeira vez me soou estranha a palavra:

“mundo”

(Atravessa-me como um arrepio
de quatro dimensões.

Escapando-se para espaços Semânticos
no tecido escuro da consciência)

Percebi que era uma racionalização, um erro sistemático, uma ilusão perceptiva: Menciono automaticamente “mundo” perante um estado mental de transcendência. Uma transcendência que antecede a palavra. Como a dor e o medo. Como um macaco do velho mundo gritando “serpente”. Saem-lhe as palavras cumprindo um propósito colectivo. A mim sai-me “mundo” quando perco os limites do Eu.

Portanto não é do mundo que falamos, nem da vida (“Falamos”, na orla das ondas, oásis de limites que se reconfiguram continuamente). Falamos da experiência consciente. E se toda a experiência consciente fosse preenchida por uma única e eterna viagem? (literal, não metafórica).

«Entro num avião, movimento-me, movimenta-se o “mundo” à minha volta, pego num livro, movimentam-se as páginas, os olhos, a narrativa, movimenta-se o “mundo” em mim. Comuto o avião, permanece o livro, a história, uma continuidade. Comuto o livro,

no mesmo transporte e avança o ciclo desfasadamente, confundem-se os espaços e todas as viagens se tornam numa. Acabo uma narrativa, começo outra. Ininterruptamente. Nada resta do conceito de estado onírico quando a imaginação e o espaço se movem de mãos dadas, assincronamente. Já não os distingo. Não sei onde passo mais tempo. O espaço comuta, move-se à minha volta. A minha narrativa interior, contínua, sem ciclos de sono e vigília, invadida pelas narrativas de outros, em movimento, em mim.»

Sem o parietal esquerdo não tenho limites, não acabo. Sem o direito o espaço invade-me, recursivamente, como um fractal de Koch, cavalgando para o meu interior, iteração após iteração, na orla das ondas, reconfigurando-se a cada passo, no espaço infinitamente pequeno das brechas em mim. Perco-me neste lago de fronteiras irresolúveis. Perco-me no movimento unidireccional da profundidade do olhar, em cada passo mais fino e preciso.

A vertigem onírica do movimento Browniano acompanhou-me desde sempre, nas tangentes artificiais transformadas em consciência, traçadas pelo olhar grosseiro da experiência e da narrativa. Aqui sinto o pânico da aproximação, livro após livro, através do tunel em direcção aos limites.

Desisto de explicar, é difícil escrever em movimento e eu não tenho jeito com as palavras. Apenas vos peço para imaginar a fabulosa possibilidade de a vida ser uma viagem real e não metafórica, com comutação dos espaços, sem ciclos de sono e vigília, contínua, unidireccional e progressiva até aos limites da ansiedade. Qualquer fronteira é por definição fictícia, não porque não exista, mas porque o nosso olhar grosseiro traça tangentes que ignoram os detalhes infinitamente pequenos. Não me interpretem mal, eu começo e acabo, só não sei onde. E na queda da escala maior à mais pequena, cada iteração revela um novo desamparo aprendido.

No “mundo”, o tempo é uma dimensão extra de um fractal. É a dimensão da queda em direcção aos nossos limites. No fim de cada ciclo traçamos as tangentes, fixando para cada segundo o momento em que nos cansámos de cair.

matilhas (vozes)

Tacteando até mim,
não as conto.
Misturam-se,
na opacidade das paredes.

Primitivos reflexos,
de intrincadas tapeçarias.
Percorrendo o tempo
em circuito fechado.

Não lhes consigo tocar.
Sou surdo para os signos.

Apenas oiço,
a melodia que as transporta.
a mesma que a terra
ouviu desde sempre.

sonho

Era uma manhã normal de um dia de semana (terça feira talvez, não me recordo). Estava sentado no sofá da sala de estar, a desfrutar do sol, apesar de uma estranha fragrância de expectativa que perturbava as moléculas do ar à minha volta. Não ouvi a campainha tocar, mas percebi que do lado de fora decorria uma conversa entre a minha mãe e um estranho. Uma voz em movimento referia num tom não particularmente autoritário: “Estou à procura de Maurício Martins”. Senti o meu espírito a mover-se em todas as direcções. Não ouvi a minha mãe. Tive medo por ela. Ouvi os passos do estranho em direcção ao interior da casa, leves, e num salto, corri para a marquise aninhando-me num canto. Estava certo de que me encontrariam, os meus músculos, rijos, impediam o movimento. Enquanto media a distância entre o terceiro andar e o chão da rua, eis que surgiu o seu rosto indistinto. Era um homem mal vestido, com um casaco castanho, fino, impermeável, daqueles que as mulheres vestem aos seus homens. Senti a morte eminente. Pensei que era o fim.

Não sei o que aconteceu a seguir. Quando voltei a entrar na sala estava o meu pai sozinho, sentado no sofá com um ar como nunca lho tinha visto. Não era triunfo, nem resignação, nem desapontamento, nem luto, mas um misto de todos eles. Não me olhou nos olhos. Fitou o chão com orgulho. De queixo levantado, disfarçando a queda do rosto, disse com a ausência de um rei genocida: “Estás a ver? É assim que se fazem as coisas”.

Parte 4
Viena II

28 de Agosto 2012

O meu pénis gosta de tratar da homeostasia dela, mas o meu espírito ressent-se. Tudo seca em torno da região genital. O tempo passa, sem devolução nem retorno, deixando um imperdoável rasto de coisas que ficam por fazer. Mas o que me consome, o que sinto como imperdoável, é a consciência de que as mesmas coisas continuariam por fazer se Ela estivesse ausente.

Nada existe para culpar que não as minhas próprias escolhas. Ao tomar essa consciência, reinicio então a jornada. Aquela onde caminhamos lado a lado, eu e o fantasma das coisas que estão para vir. Ele é uma sombra que sinto sem a conhecer. É o rosto no horizonte. Indecifrável de olhar. Ele é o vórtice descendente, que finge existir comigo, quando de facto a sua jornada há muito tempo que terminou.

16 de Setembro 2012

Onde se escondem as torres da minha impotência, as fontes da minha secura, os holofotes da minha prisão? Mantêm-me vivo, a mim por debaixo da membrana. Aquela que separa o nevoeiro da neblina e o cinzento do branco. O meu peito volta a sentir as hormonas. Não as da pila mas as outras. Aquelas da emoção pura, incorpórea e transcendente: A emoção encarcerada na incerteza.

Volto a sentir a ironia de ser um homem objectivo movido pela energia da irracionalidade. Pela levitação do medo. Pela iminência do embate da membrana nos meus dedos. Deus, como me desfazo perante a incerteza, perante o retorno da consciência à posição permanente de não saber o que vem. Perante o retorno da consciência à casa rara de ver a condição humana tal como ela é: transiente, inesperada, irrequieta e cíclica.

O abraço desta noite

não chega para me aquecer o coração

Olho pela janela

vejo-me a mim, no céu

O abraço já não chega

estou para lá da minha visão

17 de Setembro 2012

Que bela é esta energia vital. O facto de deixarmos que os acontecimentos externos a nós nos inundem, de fora para dentro, fazendo-nos sentir uma vida que não é a nossa. Que belo o facto de tudo isso ser transiente. Se ao menos conseguisse rodear-me permanentemente de eventos extraordinários, poderia então sentir através de mim a energia que anima a Terra em cada um de todos os momentos.

Anima-me. Girarei em torno de ti. Serei o teu filho, e tu a minha mãe.

Anima-me, antes que me esqueça. Antes que o meu corpo se acabe e eu não tenha cumprido o meu destino.

Anima-me, antes que as minhas mãos fiquem velhas, antes que a minha vontade acorde fora de tempo sob a forma de uma loucura encarcerada.

Sei que me esperas no sopé do eucalipto. Secando eternamente na saudade do reencontro. Somos dois entre milhões, de pólos em movimento. Procurando-nos eternamente, pelas artérias do mesmo corpo.

O que tu não sabes é que esta mesma distância precipita a Terra sobre o seu próprio eixo. Ao erguermos templos documentamos a jornada. A loucura da incompletude impressa no tempo.

Somos dois á procura, deixando as letras do nosso sangue. Se um dia alguém seguir o rasto e ouvir o nosso poema, compreenderá sobretudo os versos inexistentes e os parágrafos que deixámos em branco.

21 de Setembro 2012

Têm sido poucos os momentos de silêncio nos meus dias. Estranho como esta visão rectilínea para o futuro me impede de ver os alicerces que o constroem. A culpa é deste desapego que tenho por mim próprio. Como não preciso de nada, não paro para (me) construir. As minhas mãos estão ocupadas com as coisas (a minha pila também é uma coisa), mas não sobem ao meu peito para refazer os meus circuitos. As minhas engrenagens seguem funcionando até à desaceleração ferrugenta. E as minhas mãos lutam contra o tempo, tentando fazer do nada coisas. Talvez um dia também eu possa ser uma coisa. Talvez um dia venha a conhecer a matéria de que sou feito. Talvez um dia descubra que não existem engrenagens, nem circuitos, nem peito, nem mãos, nem coisas, mas apenas uma ilusão, originada da minha necessidade de atribuir um sentido ao conteúdo da minha percepção.

Não importa. Vou dormir.

24 de Setembro 2012

Caminho sobre um lago de solidão. Em cada passo sinto os meus pés chamando para si a superfície elástica, aquela que separa o mundo de fora e o de dentro, sem nunca ceder à tentação da submersão. Às vezes pergunto-me como será o mundo que habita por debaixo dos meus pés. Foram tantas as vezes em que sonhei ir ao fundo, sem a ansiedade da asfixia. Contemplei o azul banhado de um sol distante e difuso. Senti na minha pele a pressão ondulante. Fixei-me a um posto de onde vi o ventre dos peixes. Em lentas espirais, desenhando intrincadas coreografias.

Pergunto-me como será submergir sem a ansiedade da asfixia. Provavelmente é ela que me mantém vivo e à tona. Mas como seria deixar-me ir? O azul ondulante... Sentar-me à beira de um penhasco e sentir a distância entre mim e o sol, quando entre nós existisse uma longa camada protectora.

Sonhei-o muitas vezes. E em todas elas, apesar da respiração regular, fui sempre tomado por um impulso de baixo para cima, como um anzol preso à cintura, mantendo a minha cabeça para baixo e puxando-me na direcção de uma superfície que procurava evitar. Porque é que ela nos reclama sempre para si?

Minto. Nem todas as vezes me puxaram. Para sempre ficará gravado na minha memória o sonho de um tempo que parou. Onde fiquei dias a fio sentado nos penhascos do fundo, até o mundo se esquecer de mim. E eu por entre as medusas, rodeado do azul ondulante. Sei que esse tempo ainda existe. Esperarei para sempre o seu retorno.

7 de Outubro 2012

Ontem conheci o William Burroughs. Gostei do método que ele usa, mas não da sua concretização. Se é verdade que apenas das águas turbulentas pode surgir a velocidade da paixão, não é menos verdade que a turbulência sem leme apenas leva ao naufrágio. Sem um pouco de medo, nada deriva da raiva (e do ardor) que não a incoerência. Sem um pouco de freio prévio, lança-se o barco ao mar sem o equipar de âncoras e instrumentos de orientação. Não preciso de saber onde vou. Mas preciso de saber onde estou em referência com as outras coisas. O universo não é estático, e se simplesmente me revolvo em torno de mim mesmo, torno-me um fragmento desconcertado, sem redes, um nicho, uma curiosidade, talvez até um objecto de interesse, mas não uma consequência, muito menos uma causa, de novos mundos.

Os meus antepassados não se lançaram sem instrumentos. Descobriram novas terras, trilharam por acidente caminhos que não planearam. Mas nunca se perderam. Souberam sempre onde estavam. E por isso serão sempre recordados. Pela persistência cumulativa com que usaram o caos planeado. Para revolucionar, apesar da sua fraqueza, os contornos da terra conhecida.

Novembro 2012

Eu gosto de me rodear de vilões. De pessoas sem medo de cantar, bem alto, para que todos os oiçam. Gosto de me rodear daqueles que dobram o mundo à sua vontade, daqueles que lutam por lutar, por gostar da luta. Gosto de me rodear de iguais. E no entanto gosto de ti. De ti que não gostas da luta, nem dos iguais. De ti que na tua insegurança inventada te procuras esconder de mundos que não te são familiares. Para ti, tudo é uma nuvem heurística. Um mar de familiaridade no qual navegas com destreza. Como se a vida te tivesse sido dada de bandeja antes de a teres vivido.

No caminho até aqui foram tão importantes as portas que fechaste como aquelas que abriste. Entre as comportas desta sala, o mundo. Para além delas existe aquilo que falta inventar. Hei-de morrer a forçar as fronteiras dos abrigos que nos protegem. Virás comigo?

Novembro 2012

Este não é ainda o fim. Estou prestes a observar o mundo em locomoção dialéctica. O mundo não, mas a minha própria vida. Ou não a minha, nem própria. Mas uma vida. Um filme. Uma tela nos meus olhos, em movimento, e eu um estranho. Um estranho. Para além das minhas obras nunca fui mais do que um estranho para mim mesmo. Nunca me livreí dos movimentos magnéticos, de apego e repulsão. Que me impedem de atingir um ponto de chegada. A chegada de mim mesmo até à vida. Sou um crápula. Um testemunho físico das contingências históricas em confronto.

Novembro de 2012

De que dormem elas? O que terá provocado este estranho estado de acalmia e redução das funções vitais? Qual é o mal de que padecem, para adormecer desta forma, não só tranquila, mas incondicional, como que uma rendição às marés do tempo. Dormir é isso mesmo, uma suspensão da vida. Uma entrega de pedaços de nós a uma entidade invisível, que nos acolhe a todos na sua intrincada teia. Revejo-te aqui. Nestas duas que dormem. Vejo-te na tua infância, capaz de dormir em qualquer lado. Tão segura do carácter inofensivo do mundo.

Deve ter havido um tempo em que tudo foi diferente. Em que as cores eram mais vivas, os paladares mais doces, as vozes menos simultâneas.

Deve ter havido um tempo sem repouso, em que a vida era tanta que dormir nos bastava.

Janeiro de 2013

E mais uma vez vivo nesta profunda aberração de amar sem tocar. Como se o sentimento que está na base do amor tivesse outra função que não a do impulso para procurar e perseguir o objecto, aquele que no formal algoritmo da paixão ocupa a posição do desejo.

Resta-me a contemplação do infinito e das coisas que pela sua escala intemporal tornam irrelevantes as deambulações humanas. Mas se eu sou irrelevante, com que forças posso erguer as mãos para tocar o céu? Se eu sou irrelevante, com que vontade treinarei as minhas pernas para saltar os impossíveis obstáculos que se erguem na minha estrada? O amor é estranho, ele sabe sempre onde está, mesmo que nós, aqueles que o carregamos, estejamos completamente perdidos.

10 de Janeiro de 2013

Como pode algo tão certo fazer-me sentir tão errado? Como pode a fonte de apaziguamento dos meus sentidos e concepções estéticas entrar em tão grande conflito com os meus juízos *a priori* do que deveria ser a vida boa e sã? Será que me preparei em tão grande escala para os planaltos emocionais, que balizei as fronteiras das minhas emoções dentro de espartilhos aconchegantes?

O pecado é bom. O ser animal. O deixar-se ir. Acho que a raiva dos que magoei com a minha impetuosidade é ampliada pela minha honestidade prévia, e pela certeza com que me lanço nos meus ímpetos, pela confiança com que obtenho os meus desejos.

De nada tenho a certeza. Sei de contratos sociais e de injustiças de governação. Mas não sei o que é ter uma ética fixa que me proteja dos meus sentimentos.

Os meus sentimentos são inócuos ou intensos, aconchegantes ou disruptivos, tranquilos ou poderosos. Mas como avaliar quais os bons e os maus?

Neste contrato só existo eu e tu.

Diz-me: quem devo eu proteger acima do outro?

27 de Março de 2013

A morte é em geral um conceito assustador. Mas ainda mais intrigante é a nossa atitude individual perante ela. Não falo das atitudes colectivas, essas são idiossincráticas, dependentes da cultura, e resumem-se a sistemas de práticas, crenças e instituições. Falo da atitude do indivíduo perante a ideia da sua própria morte, quando esta parece eminente. Quando as forças se esgotam, quando a consciência se esvai. Neste momento surge a questão: lutar ou deixar-se ir?

Este é um momento estranho e muitas vezes incompreensível para os demais. Quando deixar-se ir se torna uma ideia mais doce do que continuar vivo. Quando deixar-se ir se torna a promessa da maior doçura alguma vez produzida pela neuroquímica cerebral, a neuroquímica envolvida na geração de estados conscientes.

Sei que para muitos a morte é assustadora e violenta. Talvez estes sentimentos sejam o resultado de uma modulação contextual. Mas não deixa de ser estranho que o nosso contexto, experiências e expectativas modulem algo tão terminal como o sentimento da eminência da morte. E que o aparato neuroquímico humano permita que a ideia de deixar de viver se associe à expectativa de uma sensação doce, tranquila, e plena.

7 de Outubro 2013

Virar a página.

Lá fora ouvem-se as máquinas em funcionamento. O indistinto som de trabalho mecânico que aconchega os meus pensamentos difusos. Este é o indistinto som de uma parede gasosa que contínua e simultaneamente, embate e envolve, devolvendo-me à memória de outros éteres.

Virar a página.

Voltar ao meta-eu. Voltar à perspectiva de um ser sem expectativas, quer as dos outros para mim como as de mim para mim.

Virar a página.

Não saber o que dizer, nem para onde ir; simplesmente evocando a memória permanente de uma base indestrutível. Parcimoniosa, é certo. Mas mais sólida do que julgo. Sólida por debaixo de todas as camadas do 'eu' contingente. Mas silenciosa de tão curta.

Virar a página.

Limpar as folhas do Outono. Descobrir-me de novo. A nada me apegar que não a mim mesmo. É difícil não o esquecer. Os tempos são demasiado ruidosos. Quando os corvos esvoaçam, entre o Sol e eu, revelam a sombra do meu peito. Iluminam a dimensão das coisas escondidas. A quinta, sexta, sétima (não sei), a dimensão que se oculta a ela mesma para a merecermos, continuamente, percorrendo a jornada do reencontro.

É só de ti que preciso. É bom que me lembre. É só a tua voz que preciso de ouvir. Se em todos os momentos guardar isto como verdadeiro, se deixar as derivações lógicas deste axioma se ramificarem em forma de fortaleza, se deixar a árvore crescer por si mesma, com todas as suas folhas e trejeitos, de novo poderei evocar o meu silêncio, e ouvir a voz por debaixo do ruído, a voz daquilo que eu quero.

E assim,
mais facilmente,
de cada vez,
virar a página.

Parte 5

Berlin

baleia azul

Quando era pequeno, disseram-me que os tubarões só conseguiam nadar para a frente;
e que se porventura parassem, morriam, por não poder mais respirar.

Nunca verifiquei se o que me disseram era verdade.
Primeiro, porque sou desprovido de curiosidade.
Segundo, porque me apeguei (acho que em demasia)
a esta interessante conceptualização, do que constitui o Tubarão.

O tubarão que avança
reflexivamente.
O tubarão que reage
ao movimento das marés.

O tubarão que não pára.
O tubarão que não pensa.
O tubarão sem história.
O tubarão cegamente focado na parte amarela da chama.

Enquanto crescia, nunca quis ser um tubarão.

Sempre quis ser a chama azul,
infinita no porte.
A chama que percorre
a maratona dos oceanos.

Mas algures na viagem perdi o curso da maratona.
Algures na viagem, na companhia de tantos outros,
viciiei-me no tremor que corrente de oxigénio
insistiu em vibrar contra as minhas guelas.

“A vida”, disseram eles. “A vida”.
“O oxigénio que sentes não é ruído, mas o sinal”
“Deixa-te ir nesta contracorrente”, disseram eles.
“A inevitável corrente que antecede o caminho.”

Agora que os ouvi e a minha região cefálica se despigmenta.
Agora que sou uma forma que se especializa, cinzenta.
Agora que remeti para mais tarde as urgências do universo abstracto.
Agora sou complacente.
Agora sou um tubarão entre os tubarões.
Agora olho para a chama e apenas me lembro
de que deveria ser azul, mas não o vejo.

Apesar de tudo, sei que está em mim.
Quando a corrente pára,
quando simulo um suster de respiração,
imagino o sinal para além do horizonte.
O sinal que nunca foi a vida.
A maratona para além do ruído.

Para trás, para além do horizonte,
sob as estrelas,
o silêncio
onde trilha uma chama infinita,
a chama
da baleia azul.

F I M